

## **A gente respira arte e cultura**

Texto escrito junto e a partir da intervenção Crítica Errante realizada nas filas com o público participante do **7º Festival Nacional de Teatro de Passos e Região**, realizado de 15 a 23 de julho em Passos e cidades vizinhas do Sul de Minas.

- Clóvis Domingos –

### ***CARTA ABERTA DOS ESPECTADORES***

Passos, julho de 2023.

#### ***Ao Festival Nacional de Teatro de Passos e Região,***

Mais um ano de sucesso, né? Com você a cultura em nossa região vem melhorando muito e você tem trazido cada vez mais gente para o teatro. Isso é tão bonito e tão importante. O ar fica diferente porque *a gente respira arte e cultura o tempo inteiro*. Essa nossa carta veio sendo escrita durante muitos dias nas filas e praças da cidade, enquanto aguardamos o início dos espetáculos que você nos presentearia, e assim vamos fiando essa conversa boa, prosaica, trocando nossas impressões sobre os trabalhos assistidos, não tem essa de “especialista de arte” aqui não, viu? Somos um bando de gente curiosa, aberta e faminta por arte que emociona, acolhe a gente ao mesmo tempo que sacoleja.

A gente viu o brilho e a alegria nos olhos das crianças se divertindo nos espetáculos à tarde nas praças, estão de férias da escola, tinham a companhia dos pais junto, e assim há mais encontro, lazer, união e pulsa mais vida. As filas tão longas surpreendem e revelam nossa gente em busca de poesia, beleza e cultura.

Você fez a gente sair de casa e largar tudo para trás. As filas seguiram disputadas e bem organizadas, o público estava mais caloroso e a gente viu que o Festival se aproximou mais das manifestações populares. Foi emocionante assistir à apresentação do *Congado* na porta do *Teatro Gustavo José Lemos*, foi de arrepiar mesmo, uma espécie de benção!... E valorização desse nosso Patrimônio cultural mineiro. Foi como se o espaço do teatro e da rua fossem um só lugar de *ENCONTRO*. E teve também a noite o grupo *Divino Samba* que fez a gente dançar já de madrugada e contagiou a galera. Um show de samba num palco de teatro e aí ninguém

segura mais essa conversa: o profano, o sagrado, o corpo, a ginga, o povo e as artes. Não teve como ficar parado. No final das contas, o Festival é FESTA não é mesmo?

Você, Festival, é muito esperto, hein? Traz logo na abertura um ator primoroso e politizado como Paulo Betti com sua *Autobiografia Autorizada* para nos mostrar, não a parte da vida de sucesso dele (que a gente já conhece), mas sua história íntima e familiar, seu percurso particular cruzando com os acontecimentos mais importantes do país, a gente descobrindo que o cotidiano dele é muito próximo do nosso... “O Biotônico Fontoura também é da minha época”.

Os espetáculos apresentados nas praças emocionaram muito pela possibilidade de um convívio coletivo. Gente de toda idade! As pessoas conversando, muita gente abraçando, tem uma hospitalidade nisso, um espírito de cooperação e participação, meio uma reunião pública e aí a gente respira arte e cultura. O pulmão da cidade expande e inspira o inusitado, o estranho e o arrebatador. A vida sai do cotidiano, habita o extraordinário. Falando nisso, vimos que você, aos poucos, Festival, vai descentralizando suas ações, chegando em outros espaços e bairros, democratizando ainda mais o acesso à sua programação e a gente (público) se desloca e vai atrás. A gente vai junto nesse teu convite de conhecer e habitar outras paisagens da cidade. Torcemos para que essa continuidade ganhe cada vez mais amplitude e reverberação, pois arte é para momentaneamente diminuir as distâncias e as desigualdades sociais.

Agora vamos falar um pouco dos espetáculos desse ano? *Bumba meu Boi* (Gota, Pó e Poeira), *A Cidade do Circo dos Dias Iguaís* (Centelha de Teatro), *Trupica Coração e Atenção Respeitável Público* (Damião e Cia), *Melodramas de Picadeiro* (Rabugentos Cia Teatral), *A Morte do Mané Bufão* (ProCênicos), *Amor Por Anexins* (Grupo Guará), *Ób de Casa* (Cia de Teatro Rastro dos Astros) trouxeram muita diversão e celebraram a arte mambembe e cômica dos antigos circo-teatros brasileiros. A gente adora teatro na rua, a céu aberto, porque a cidade fica mais bela, cria algo diferente e especial, o tempo meio que pausa, a gente descobre se eles são artistas mesmo, pois tem que improvisar e lidar com tudo em volta. O teatro é puro risco. Muita gente riu nesses espetáculos, mas tem crítica social, também, viu? Só que de forma lúdica e divertida. A gente viu os artistas se aquecendo antes de entrar em cena e isso gerou comunhão, a gente torcendo para dar tudo certo. “É igual a pular de um trapézio sem rede de proteção, né”?

Você, Festival, vai aos poucos **“empretecendo”**. Demorou um pouco dessa vez, mas no sábado finalmente aconteceu: teatros negros na programação oficial (*Candelária* - Trupe

Investigativa Arroto Cênico - e *A Jornada de um Herói* da Cia Atores da Fábrica), e prá abrilhantar no final tivemos o *Divino Samba. Candelária* é um trabalho que produziu um soco no nosso estômago e *A Jornada* fez a gente rir muito, mas no final teve choro. Abre teu olho, Festival, meu camarada: a cena preta está renovando o nosso teatro.

Festival, você quis matar a gente do coração? Se não tivesse acontecido uma sessão extra muita gente teria perdido a deliciosa leitura cênica de *As Mulheres de Shakespeare* com as atrizes Rosi Campos e Maria do Carmo Soares. Bateu um desespero! Mas a gente que ficou de fora, deu logo o berro: “Queremos outra sessão. Não saímos daqui sem assistir essa dupla. Por que não colocaram num espaço maior? Que decepção, meu Deus! Chama o Maurílio Romão para resolver essa história. Gente, reza prá dar certo”! E deu... E foi bom ouvir, imaginar, descobrir como *Shakespeare* continua atual, é um poeta universal. Aquilo foi uma leitura ou foi um espetáculo? É bom ouvir textos de teatro, cria uma atenção diferente, fica entre ensaio e apresentação pronta.

Você, Festival, selecionou espetáculos com temáticas fortes e estéticas inquietas e impactantes. Ah, antes que a gente esqueça: fez falta ter uma sinopse escrita dos trabalhos, de alguma forma são pontes de mediação que nos convidam a entrar nas peças. Pensa nisso, por favor? Mas, como a gente ia dizendo, foi bom sermos provocados com espetáculos mais contemporâneos: *Tigrela* e *Sobre o Fim* (Magnólia Cultural) abordaram questões como sexo, poder, política e processos de luto amoroso. O impacto visual foi enorme e no palco do teatro parecia que a gente estava vendo cinema. Muita gente guardou fragmentos do texto dramático de *Sobre o Fim*, autoria de Davi Sabry. O Clóvis (da “ouvidoria do Festival”) contou que na fila sempre tinha alguém citando uma frase que ficou gravada e colada na pessoa. Um rapaz depois falou assim: “a arte transforma. Você entra uma pessoa e sai outra depois de ver um espetáculo”. Estava na boca do povo da fila: “a gente respira arte e cultura”.

É isso aí, Festival, tem que bagunçar o coreto e balançar as estruturas. Senão a gente fica confortável e assiste as mesmas coisas o tempo todo e esquece que teatro é múltiplo, as linguagens são diversas, têm para todo gosto, e que bom também ser remexido quando a gente escuta um palavrão ou presencia uma cena de nudez. Não tem jeito! Se mordeu nossa sensibilidade, pescou nossa atenção e feriu nossa moral: é a gente mesmo se olhando no espelho.

Tiveram pessoas, prezado Festival, que afirmaram que os espetáculos da noite eram muito interiorizados e filosóficos. “Depois de uma pandemia tão grande, não tenho mais força para lidar com coisas densas e pesadas. Quero respiro”! Já outras pensavam diferente: “Que bom

esses espetáculos que nos colocam à flor da pele. Um presente em meio a tanta banalidade de pensamento"! Um jovem falava na fila: "*Sacarose* com o Edu Rosa me lembrou do meu pai que também era boia fria numa usina de cana de açúcar. Espetáculo necessário!"

Ouvimos também de uma moça com lágrimas nos olhos: "*Querida Celie* do Espaço Núcleo me fez chorar na cena do espelho quando a protagonista vê pela primeira vez seu sexo... Muitas mulheres não conhecem seu corpo". Houve uma comoção geral com o espetáculo *O Sonho de Um Homem Ridículo* com muitas leituras existencialistas e uma certa identificação com o personagem "que tira os objetos que estão soltos no ar e junta e cria um mundo concreto no chão da vida, mas o preço dessa lucidez e consciência é também motivo de dor. No final ele prega o amor para a humanidade".

E tem uma fofoca ótima, Festival: após a apresentação de *O Evangelho Segundo São Barrabás* com Raphael Janeiro, teve um homem que saiu comemorando bem alto: "Alguém finalmente lembrando que ter um coração de um burguês na mão de um proletário é realmente singelo". Todo mundo riu muito... E teve quem concordou. Tinha um pessoal meio cansado de algumas peças tipo "paz e amor" e preferiam algo mais "vamos botar prá quebrar"...

Foi também muito significativo, querido Festival, termos assistido a espetáculos com muitos atores em cena. Tão raro encontrar elencos grandes como nos trabalhos *O Caminho do Sol* (Grupo Vamos), *Um Inimigo do Povo* (Cia Rústico Teatral) e *A Cidade do Circo dos Dias Iguais* (Centelha de Teatro). Bonito presenciar um jogo cênico coletivo, meio que uma orquestra musical e todo mundo trabalhando em conjunto na busca do melhor resultado. Cena composta por muita gente fica robusta.

Danado, você, Festival! Você chegou ao fim e deixou a gente com saudades. Vamos agora respirar e sentir você através de nossa memória.

Te esperamos no ano que vem para a oitava edição!

Com o trabalho *Amarelo e Bem Devagar– Um jogo cênico documental* da Cia de Segunda compreendemos que o melhor lugar para a gente estar agora é AQUI nessa carta que te endereçamos. Aqui, nós, espectadores e espectadoras, ficamos livres para misturar lembrança e ficção, passado e futuro, tecer elogios e críticas, juntar o individual e o coletivo, a presença e a ausência. Já "apertamos o botão amarelo" (lugar de utopia) e bem devagar aguardamos teu retorno (bem real). Essa carta é só para documentar a importância de sua existência em nossas vidas.

A gente tem muito orgulho de você acontecer aqui na nossa região.

Desejamos a você, *Festival Nacional de Teatro de Passos e Região*, vida longa! Que você tenha fôlego de começar tudo outra vez. Pois nós queremos voltar a respirar mais *intensamente* arte e cultura.

Aquele abraço do povo da fila!

**EVOÉ!**